

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço
(PRESIDENTE)
Ana Paula Tavares
(ANGOLA)
Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)
Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)
Germano Almeida
(CABO VERDE)
Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)
Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)
Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)
José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)
Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)
Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)
Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)
Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)
Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)
Massaud Moisés
(USP-BRASIL)
Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)
Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)
Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Júdice
APOIO À DIREÇÃO
Ana Marques Gastão
APOIO EDITORIAL
Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso

13 €
Assinatura anual (3 números)
36 € - Portugal
40 € - Especial*
55 € - União Europeia
65 € - Resto do Mundo
Os preços para Portugal incluem o IVA.
* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Tel.: 21 782 35 67
E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt
www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design
(a partir de uma obra de Rui Chafes)

IMPRESSÃO Agir, Produções Gráficas

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

EDITORIAL

Se houve poetas que marcaram, logo a partir dos seus primeiros livros, a renovação da poesia portuguesa desde finais dos anos 50, eles foram António Ramos Rosa — que se estreou com *O Grito Claro* (1958) e *Viagem através duma Nebulosa* (1960) — e Herberto Helder — cujas primeiras publicações são *O Amor em Visita* (1958) e *A Colher na Boca* (1961). A força destas obras evidenciou-se em toda a década de 60, e nas seguintes, em que tanto Ramos Rosa como Herberto Helder prosseguiram um trabalho de publicação de poesia e ensaio, o primeiro, e poesia e ficção, o segundo, com livros que os tornaram dois nomes centrais da literatura do século XX e da contemporaneidade. Talvez menos conhecida seja a relação literária e de amizade que mantiveram, e as cartas inéditas aqui publicadas são disso notável testemunho.

Acompanhando este número temos o privilégio da colaboração de Rui Chafes com algumas peças da sua «obra ao negro», para usar a bela expressão de Marguerite Yourcenar, em tudo consonante com a alquimia verbal da escrita de Herberto e a «voz inicial» de Ramos Rosa.

Não podia a revista passar em silêncio as celebrações de Raul Brandão, nos 150 anos do seu nascimento e nos 100 anos da publicação de *Húmus*. E agora que se assinalam 200 anos sobre a execução de Gomes Freire de Andrade, juntamente com outros onze liberais — episódio descrito por Brandão em *A Conspiração de 1817* —, publico uma carta, que me chegou às mãos, dirigida a Matilde de Faria Melo que viria a ser personagem de *Felizmente Há Luar* (1961), de Luís de Sttau Monteiro — uma das grandes peças do nosso repertório teatral do século XX.

Uma palavra final em memória de dois escritores este ano desaparecidos: o poeta Armando Silva Carvalho e o romancista e jornalista Baptista-Bastos. E uma outra palavra em memória do romancista mexicano Antonio Sarabia que, desde há alguns anos, residia em Portugal, fazendo de sua casa o ponto de encontro de escritores e artistas portugueses e ibero-americanos, e que escolheu a sua amada Lisboa para última morada.

Nuno Júdice

SUMÁRIO

ANTÓNIO RAMOS ROSA / HERBERTO HELDER

- 9 Da perplexidade inamovível e das imagens que se desprendem
Silvina Rodrigues Lopes
- 15 António Ramos Rosa e a nostalgia do grito claro inaugural
Rita Táborda Duarte
- 28 Políticas de habitação, povoamento e ocupação em certa poesia portuguesa
Leonardo Gandolfi
- 85 Assombrosa clarividência: a espacialização da noite na poesia de Herberto Helder
Ana Cristina Joaquim
- 97 Da mão ou algumas mãos de Herberto Helder
Rita Novas Miranda
- 112 O poeta retira-se da feira
Juliet Perkins

DOCUMENTOS

- 43 Correspondência inédita de Herberto Helder/António Ramos Rosa apresentada por *Ana Paula Coutinho Mendes*

ARTIGOS

- 123 O «ethos» dos órficos. Sobre a carta de Pessoa a um poeta
Mariella Augusta P. M. Masagão
- 134 A poesia crítica de Murilo Mendes em ‘Tempo Espanhol’
Joyce Rodrigues Ferraz-Infante
- 147 Além da Rua dos Prazeres. Ferreira Gullar e o retorno do real
Artur de Vargas Giorgi

NOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE RAUL BRANDÃO

- 161 Raul Brandão e a condição humana
Maria João Reynaud
- 168 O «chiaroscuro» em Raul Brandão
Nuno Júdice
- 175 Uma carta inédita de Gomes Freire de Andrade a Matilde de Faria e Melo

FICÇÃO

- 181 *Rui Nunes*

IN MEMORIAM

- 189 Quem foi Maria Helena da Rocha Pereira?
Maria de Fátima Silva

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 195 Agustina: literatura e jornalismo
Álvaro Manuel Machado
- 202 Coisas. Sobre ‘What’s in a Name’ de Ana Luísa Amaral
Maria Irene Ramalho
- 208 O delta literário de Macau
Maria João Reynaud
- 219 Uma história de fadas de José Saramago
Carlos Nogueira

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

- 227 *Obra Poética I*, Ruy Cinatti
FERNANDO CABRAL MARTINS
- 229 *A Noite Imóvel*, Luís Quintais
HUGO PINTO SANTOS
- 232 *A Dor Concreta*, António Carlos Cortez
FERNANDO J. B. MARTINHO
- 234 *Emá*, Maria Teresa Horta
INÉS PEDROSA
- 237 *S. T. — Teatro Negativo*, Alberto Velho Nogueira
MIGUEL MARTINS
- 239 *Alucinar o Estrume*, Júlio Henriques
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 241 *A Gorda*, Isabela Figueiredo
ANA LUÍSA AMARAL
- 244 *Sísifo*, Luís Carmelo
RITA TABORDA DUARTE
- 248 *Amália*, Fernando Dacosta
MANUEL FRIAS MARTINS
- 249 *Ritmos e Visões*, José Gil
PEDRO SEPÚLVEDA
- 253 *A Chama e as Cinzas*, João Barrento
PAOLA POMA
- 257 *Mário Cesariny e o ‘Virgem Negra’*, Fernando Cabral Martins
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 260 *The Portuguese-Speaking Diaspora*, Darlene J. Sadlier
KENNETH DAVID JACKSON
- 263 *De la epopeya a la melancolía*, Luis María Marina
ANTONIO SÁEZ DELGADO
- 266 *Queer(s) périphérique(s)*, Fernando Curopos
MARIA ARAÚJO DA SILVA
- 268 *Nenhuma Palavra É Exacta*, org. Carlos Nogueira
JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS

LITERATURA TIMORENSE

FICÇÃO

- 271 *Para Onde Vão os Gatos Quando Morrem?*, Luís Cardoso
CATHERINE DUMAS

LITERATURA ANGOLANA

FICÇÃO

- 276 *Se o Passado não Tivesse Asas*, Pepetela
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR

LITERATURA BRASILEIRA

FICÇÃO

- 279 *O Cachorro e o Lobo*, Antônio Torres
TEOLINDA GERSÃO

- 281 *Machado*, Silviano Santiago
KENNETH DAVID JACKSON

ENSAIO

- 284 *Mutações da Literatura no Século XXI*, Leyla Perrone-Moisés
LUIS MAFFEI

AGRADECIMENTOS: A Rui Chafes pela autorização gentilmente concedida para reprodução das suas obras. À BNP, a Olga de Oliveira, Rosa Maria Martelo, Jorge Roque, Pedro Melo, Márcia Lessa, Raul Lourenço e Luis Manuel Gaspar.



ridade, decorrente do intento, assumido pelo autor, de não facilitar a comunicação, de «desterritorializar» a escrita e, o que torna a empresa ainda mais complicada, de não escrever em qualquer língua existente, não obstante o recurso maioritário a palavras da língua portuguesa. O que basta e sobeja para que, ante tal desiderato, nos questionemos: por onde começar a abordá-lo?

Ora, já nas ocasiões anteriores em que me coube escrever sobre Velho Nogueira (no número 172 desta mesma revista e alhures), ao perguntar-me onde descobrir indícios que me permitissem aparentar as criações do autor com quaisquer outras produções artísticas, sejam ou não literárias, surgiram-me como únicas «boias de salvação» as próprias referências que a obra faz a outros artistas, os mais diversos: escritores, pintores, músicos, cineastas, etc.

E, neste contexto, as referências que mais importam não são, claro está, as do cânone, mas sim as excêntricas, no verdadeiro sentido da palavra. É, pois, por exemplo, nas artes plásticas ou na música de vanguarda (a dita contemporânea e aquela a que Derek Bailey chamou «improvisação não-idiomática») que devemos procurar artistas que, pelos seus pressupostos teóricos, pelo seu *modus operandi* ou pelos resultados obtidos, nos pareçam ter similitudes com Velho Nogueira. Sendo que, ademais, o autor é, também, um interessantíssimo improvisador musical, enquanto baterista.

Mas não basta referir essas formas artísticas em abstrato; ao precisarmos os criadores citados neste *S. T. — Teatro Negativo — Ich habe genug* e atentarmos nas suas especificidades, recolheremos, por certo, pistas, quanto à própria obra em apreço.

E, para tal, parece-me, convém fugir, inclusivamente, àqueles criadores que, não obstante o seu vanguardismo e, sem dú-

vida, a influência exercida sobre o autor, foram consagrados pela história da arte, a ponto de a sua menção poder parecer quase obrigatória ou, pelo menos, fática, e não programática.

Incluiria neste grupo Yves Klein (32), Marcel Duchamp (140, 371 e 671), a escola Bauhaus (397, 398, 428 e 445), Anselm Kiefer (413), Richard Serra (414), Constantin Brancusi (479) e Gerhard Richter (528), bem como Alban Berg (74, 93, 102, 111, 132, 147, 327, 587, 604 e 665, explícita ou implicitamente), Anton Webern (155 e 158) e Karlheinz Stockhausen (238).

Levada a cabo esta joeira, eis, por fim, alguns exemplos que me parecem úteis, desentranhados aos 1397 textos (em 705 páginas) que compõem este livro: Jeff Wall (42 e 682), fotógrafo que, através da escala das suas ampliações ou da colagem a imagens icónicas, pretende conferir características da pintura clássica a representações à primeira vista banais ou desagradáveis; David Lynch (344), conhecido, sobretudo, como realizador de cinema, mas pintor de formação primeira, em cujo trabalho é difícil separar o realismo cru/cruel do onirismo que o reveste ou dele emana; Lukas Foss (86), compositor cuja *Night Music for John Lennon (Prelude, Fugue and Chorale)*. In *Memory of December 8, 1980* (1981), por exemplo, contribui para o esbatimento da clivagem hierárquica entre o «popular» e o «erudito»; Maja Ratkje, compositora de formação clássica, cujos trabalhos na estética «noise» apontam no mesmo sentido, conquanto com resultados em nada semelhantes.

Mas maior relevo ainda parece-me merecer a menção quer a Hans Prinzhorn (492), psiquiatra responsável pela expansão de uma coleção de arte criada por doentes mentais, quer à Arte Bruta (495), expressão sob a qual Jean Dubuffet reunia obras realizadas por artistas de vanguarda e por pacientes de hospitais psiquiátricos,

retirando, pois, da criação artística a ênfase quer na técnica, quer na objetividade.

Por fim, há que referir Cy Twombly, pintor cuja obra o próprio Velho Nogueira emula na sobreposição deste livro e a cujas «caligrafias» (às quais não será alheia alguma influência de Mark Tobey) foi, bastas vezes, aplicada a expressão *freely-scribbled*, ou seja, escritas livremente, sem que, no caso, a pressão, a urgência ou a velocidade inerentes ao verbo comportem uma conotação negativa.

Eis o 528.º texto deste livro (270), no qual, de algum modo, muitas das características enunciadas se encontram:

os riscos os traços a melancolia sai do cérebro despista o que não conhece a linguagem a velocidade dos actos que pressupõem a deslocação da maldade para o balde para a tela para o saguão: reconhece as ruas depois de ter estado na prisão da escrita obrigatória de quem explora o hospício por nunca ter entrado nele ter estado na sala de operações os órgãos a numerar seguindo a arqueologia que descobre os complexos a inferioridade de estar vivo (*sic*) quando a morte já o invadiu à colher — les chicons braisés variam a tonalidade da pasta cerebral que detesta o forno o excessivo que queima o interno massificado do que expele a melancolia escarificada pelo acto de vincar a memória ao néon hospício sobre a cama num azul Twombly Louvre greco discóbolos círculos moedas escudos

A propósito da «escrita branca» de Tobey, escreve Jean-François Jaeger (em *Mark Tobey*, Lisboa, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, 1995): «O seu trabalho tornou-se então um espaço animado, cuja principal particularidade será talvez a de se desenvolver em torno de vários centros como tantas galáxias, ou tantas fixações simultâneas na unidade da consciência do homem. Ele alia-se a um modo

de expressão mais subtil, mais capaz de transcrever o fluxo da sua meditação sem recorrer aos artificios característicos do seu ofício». Também aqui se poderia estar a falar de Velho Nogueira.

E tudo isto nos surge, neste *S. T. — Teatro Negativo — Ich habe genug*, em oposição à estética Biedermeier, recorrentemente referida no texto, ou seja, a um escapismo doméstico, burguês e despoliticado¹.

Miguel Martins

NOTA

¹ A este propósito, leia-se, por exemplo, *Literatura e Sociedade Burguesa na Alemanha (Séculos XVIII e XIX)*, de Maria Antónia Amarante *et al.*, Lisboa, Apáginastantans, 1991.

Júlio Henriques ALUCINAR O ESTRUME

Desenhos de José Miguel Gervásio
Lisboa, Antígona / 2017

Nascido em 1948, Júlio Henriques, além de tradutor irrepreensível de autores contemporâneos (Orwell, Cossery, S. J. Perelman, Debord) e de promotor dum conjunto marcante de revistas em que se destacam os oito números de *Pravda* e a actual *Flauta de Luz*, é autor duma curta obra de criação, *Modas & Bordados d'Alice Corinde* (1983), *Deus Tem Caspa* (1988) e agora *Alucinar o Estrume* (2017).

Não obstante a exiguidade e a discrição propositada, esta obra tem um cunho pessoal e uma eficiência crítica invulgar. Pelos processos dramáticos envolvidos, pelo trabalho da linguagem e até pelo que de revolucionário tem em termos sociológicos, o livro agora dado a lume surge como o mais maduro e revelador dos três. Construído por dezanove narrativas, cada uma delas funcionando como uma pequena peripécia com a sua autonomia, o livro

Negreiros, Herberto Helder, Jorge de Sena, até chegar aos mais recentes como Pedro Paixão e Rui Zink. E se nestes últimos escritores há «um regresso do gesto mais puramente narrativo» (95), por outro lado a obra de Maria Gabriela Llansol e Rui Nunes avança no caminho inverso, propondo uma espécie de esgarçamento das estruturas literárias até apagar todas as suas marcas. Mas João Barrento não para por aí. Desdobra a forma breve em conto (Maria Judite de Carvalho, Maria Ondina Braga, Maria Velho da Costa), novelas (Teresa Veiga e Maria João Ortigão de Oliveira), histórias minimalistas (Maria Gabriela Llansol, Pedro Paixão, Jacinto Lucas Pires) e fragmentos de prosa. A diversidade de estilos reflete a expansão de temas, ora através do memorialismo, ora pela presença do fantástico, ora pela tematização de vozes reais ou ficcionais em constante embate até ao questionamento da própria elaboração artística, culminando quase sempre, independentemente da forma, no desencanto diante do mundo.

A preponderância de ensaios em torno da ficção é minimizada com a inclusão de «A Poesia: Um Rio de Muitos Braços», dedicado exclusivamente à lírica — em especial aquela em torno de *Cartucho* (Joaquim Manuel Magalhães, João Miguel Fernandes Jorge, António Franco Alexandre e Helder Moura Pereira) que «instaura um novo paradigma, menos rigidamente formal e menos auto-referencial» (120). O ensaísta chama a atenção não apenas para a temática vinculada às pequenas coisas do quotidiano, para um real comezinho imbricado numa linguagem clara e desprovida de metáforas, mas também para aquilo que definiu como «viragem anunciada nos anos setenta e continuada na década de oitenta, no sentido de regresso às histórias, ao poema longo e narrativo, e na recusa do purismo ou fundamentalismo poético da 'Poesia

de 61'» (124). Tal recusa é anunciada em «Princípio», poema de Joaquim Manuel Magalhães, que radicaliza a proposta de «dessacralização da poesia» (127), refletindo, além de um desencanto melancólico, a experiência do sujeito num mundo rebaixado e vazio². Aqui evidencia-se uma proximidade com a poesia de Frank O'Hara (no caso específico de Joaquim Manuel Magalhães), mas também, segundo João Barrento, com a poesia pop alemã de Rolf Dieter Brinkmann que «já afirmava em 1968: O poema só pode viver hoje o refugio dos dias» (128).

Esta presença do real ganha contornos diferenciados: em João Miguel Fernandes Jorge há «um gosto pela descrição que o faz deambular por lugares [...] obras de arte [...] e ideias filosóficas» (131); em António Franco Alexandre ganha um acento mais subjetivo através da sua «lúcida fenomenologia do impreciso» (132) e um resgate do passado em Helder Moura Pereira, Vasco Graça Moura e Nuno Júdice, o que coloca novamente a poesia num patamar menos voltado para o «discurso raso do quotidiano» (135). O crítico traça um paralelo com a poesia contemporânea americana e europeia, numa linhagem que abarca John Ashbery, Botho Strauss, Peter Handke.

E João Barrento lembra-nos da necessidade de um poema poder «reflectir um estado de coisas, um *Zeitgeist*» (147), isto é, a capacidade de dizer as relações espaço-temporais, culturais e históricas nas quais se fundamenta, ou ainda, na esteira de Benjamin, «a projeção histórica da experiência». Diante de um mundo (para além de Portugal e da Europa) em crise, rebaixado pela imposição da cultura de massas e de um sistema capitalista exaurido, é possível ver na poesia de Luís Quintais, Paulo Teixeira e Fernando Pinto do Amaral, mesmo que vincada na experiência da mais profunda melancolia e desen-

canto, a possibilidade de «transformar a perda numa mais-valia» (154).

Parafrazeando Holderlin, o ensaio que fecha o livro, «Retrospectiva e Balanço: A Literatura (Portuguesa) em Tempos de Indigência?», reverbera como um apelo para o leitor. De forma aguda e clara, aponta os dois parâmetros que regem o mundo contemporâneo: a bolsa de valores e a preocupação hedonista e cosmética com o corpo, ou seja, o esvaziamento de valores simbólicos e humanos impossibilita o homem de pensar, imaginar e consequentemente ler o mundo na sua complexidade. A crítica feroz de João Barrento volta-se especialmente para as instituições escolares e universitárias que cederam ao discurso quantificador e capitalista, abandonando a sua função essencial (e de excelência) que é a de «resistência e atrito» (181). E esclarece que a resistência a que se refere não é relativa aos «novos meios de comunicação, mas ao domínio unilateral e unidimensional deste estado de coisas, ao crescente empobrecimento suscitado pelo modelo todo-poderoso de uma americanização cega, redutora e mercantil» (184). Diante deste quadro desolador, o crítico chama a atenção para a ausência de uma ideia orientadora e, porque não dizer, libertadora das amarras de um pensamento economicista que prega a exclusão da literatura dos currículos escolares. Curiosamente, este que é o único ensaio inédito do livro, cujo tom é carregado de acidez desencantada, foi escrito para uma intervenção no Brasil, em 2005. Por ironia do destino, parece confirmar que a indigência cultural, à qual alude, já nos atinge, visto a literatura portuguesa ter sido retirada dos currículos das escolas brasileiras.

A Chama e as Cinzas revelam a preocupação do ensaísta em dar a ver todo o rigor e a complexidade da literatura portuguesa. Para isso João Barrento combina duas finas técnicas de expressão. Primeiro

fotografa vastos panoramas, deixa entrever a heterogeneidade das batalhas e as linhas de fuga. Depois, ao final de cada ensaio, emprega lentes mais analíticas que aproximam o leitor de paisagens literárias, revelando os atalhos, as veredas, as rugas do texto. Falo dos excursos (José Saramago, Lídia Jorge e Jorge de Sena, David Mourão-Ferreira, Egito Gonçalves, António Cabrita, Paulo Teixeira e Vasco Graça Moura). Belos e breves, rentes ao grão da linguagem. E, se é possível vislumbrar nestes textos as oscilações de uma cultura que parece desembocar numa melancolia cada vez mais profunda, também se pode ler a capacidade dos autores de transformar o caos em matéria narrada (cantada).

Mas retomo a pergunta de modo mais direto: para quê literatura em tempos de indigência? Para resistir, sempre.

Paola Poma

NOTAS

- ¹ *O Género Intranquilo. Anatomia do Ensaio e do Fragmento*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010, p. 22.
- ² O tema da melancolia na poesia portuguesa também foi analisado no ensaio «O Astro Baço: A Poesia Portuguesa sob o Signo de Saturno», *Colóquio/Letras*, n.º 135/136, jan. 1995, p. 157-168; reprod. in *O Arco da Palavra — Ensaios*, São Paulo, Escrituras Editora, 2006, p. 63-74.

Fernando Cabral Martins
MÁRIO CESARINY E O 'VIRGEM
NEGRA'

OU A MORTE DO AUTOR
E O NASCIMENTO DO ACTO
Lisboa, Documenta / 2017

Fernando Cabral Martins, que estudou em pormenor a obra de Mário de Sá-Carneiro, antologiu e editou os poetas modernistas de *Orpheu* e por fim coordenou a vastíssima rede de materiais que é o *Dicionário de Fernando Pessoa e do Mo-*